

PERCEPÇÃO DE ACADÊMICAS E EGRESSAS FORMADAS DE AGRONOMIA E ZOOTECNIA SOBRE A SUCESSÃO FAMILIAR
PERCEPTION OF ACADEMICS AND GRADUATES OF AGRONOMY AND ZOOTECHNICS REGARDING FAMILY SUCCESSION

Tais Regina Joanazzi

Acadêmica de Agronomia Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos (UTFPR-DV)

taisjoanazzi@alunos.utfpr.edu.br

Adriana Sbardelotto Di Domenico

Doutora em Engenharia Agrícola (UNIOESTE), Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos (UTFPR-DV)

domenico@utfpr.edu.br

Eloisa Elena Sbardelotto

Acadêmica de Agronomia Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos (UTFPR-DV)

eloisasbardelotto@alunos.utfpr.edu.br

Wellington Neckel Vieira

Acadêmico de Zootecnia Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos (UTFPR-DV)

welintonneckel@alunos.utfpr.edu.br

Grupo de Trabalho (GT): 05. Agricultura familiar e relações de gênero no meio rural

Resumo

Tendo conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres na área das ciências agrárias, principalmente pois, no meio rural é historicamente intrínseca a ideologia que a mulher não tem força física para lidar com as demandas requeridas em muitas das atividades desse meio. Foram realizadas duas pesquisas, uma com Egressos(as) formados(as) em Agronomia e Zootecnia, e outra com acadêmicos(as) dos referidos cursos na Universidade Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos (UTFPR-DV). Neste trabalho apresenta-se um recorte destas pesquisas, ou seja, os resultados da seção direcionada às participantes mulheres. Tentando entender como se dão as possibilidades de sucessão familiar na atualidade para as filhas de produtores rurais. As pesquisas foram realizadas através do preenchimento de formulários online enviados por e-mail, as participações foram voluntárias. Neste recorte, percebeu-se que tanto a maioria das acadêmicas, quanto as egressas já formadas vivenciaram comentários negativos em relação às mulheres atuarem na área das ciências agrárias, respectivamente 66,7% e 92,9%. E que as dificuldades de uma mulher ser sucessora de atividades e gestão de propriedades são grandes, as acadêmicas e formadas concordam que dentre as principais seriam: falta de preparo e do apoio familiar, embora as acadêmicas estejam melhor vislumbrando a possibilidade de realizarem a sucessão. Ainda obteve-se que boa parte, tanto das egressas como das acadêmicas, tem atuação na propriedade familiar rural, tendo sua opinião ouvida nas atividades e decisões da propriedade.

Palavras-chave: Dificuldades; Trabalho; Mulher; Propriedade rural; Gênero

Abstract

Having knowledge of the difficulties faced by women in the field of agricultural sciences, mainly because, in rural areas, there is a historically intrinsic ideology that women lack the physical strength to handle the demands required in many of the activities in this environment. Two surveys were conducted, one with graduates in Agronomy and Zootechnics, and another with students from the aforementioned courses at the Federal University of Paraná, Dois Vizinhos Campus (UTFPR-DV). This paper presents an excerpt from these surveys, that is, the results only from the section directed at the female participants. It seeks to understand how family succession opportunities are currently unfolding for the daughters of rural producers. The surveys were carried out through the completion of online forms sent by email, and participation was voluntary. In this excerpt, it was observed that both the majority of the students and the graduates had already experienced negative comments regarding women working in agricultural sciences, with 66.7% and 92.9%, respectively. Furthermore, the difficulties for a woman to become a successor are significant, with both students and graduates agreeing that the main challenges include: lack of preparation and family support, although the students are envisioning the possibility of succession. It was also found that a large portion of both graduates and students are involved in the family farm, with their opinions being heard in the activities and decisions of the farm.

Key words: Difficulties; Work; Woman; Property; gender.

1. Introdução

O agronegócio é um dos principais setores do país, responsável por 21% dos empregos formais, participando de 24,8% do PIB e representando 47,6% das exportações brasileiras em 2022 (LAMAS, 2023). Assim, seu progresso é de extrema importância para o desenvolvimento social e econômico do país. No entanto, a continuidade do setor encontra alguns desafios principalmente vinculados à questão da sucessão familiar, pois de acordo com Diniz et al. (2013) é um processo complexo que deve ser realizado com planejamento. Entretanto, o principal motivo para os jovens deixarem o campo segundo Wesz (2006, p.3) “(...) é a impossibilidade destes alcançarem o seu pleno desenvolvimento econômico através das atividades agrárias”.

Neste cenário, a figura feminina é a que sofre as principais consequências, pois muitas vezes seu trabalho é invisibilizado e sua capacidade é constantemente questionada (FIUZA; PINTO, 2013). O que é enfatizado por Rosso (2012) que relaciona os tipos de dificuldades enfrentadas pelas mulheres na sucessão familiar, visto que os pais geralmente aderem a tradição de passar o conhecimento e envolverem nas atividades rurais os filhos homens, com o intuito deles assumirem futuramente as responsabilidades rurais.

De acordo com Ferrari et al. (2004, p.262) “a busca de renda em trabalhos não agrícolas fora do estabelecimento familiar é mais intensa entre as moças”. Pois geralmente, essas possuem seu trabalho desvalorizado, subestimado e muitas vezes não remunerado.

Entretanto, com o avanço social a mulher vem ganhando espaço nos diferentes âmbitos inclusive no meio rural, embora o reconhecimento ainda seja limitado e tenha pouca abertura para discussões e estudos em espaços políticos (HERRERA, 2006). Gubert (2020) afirma que a construção do empoderamento feminino faz com que a mulher reconheça seu papel na agricultura familiar, como gestora e provedora da família, podendo desenvolver até mesmo novas fontes de renda.

Sendo assim, o incentivo familiar e a formação das mulheres na área das ciências agrárias com domínio do conhecimento e a capacidade de execução das tarefas são importantes para o gradual aumento da presença e interesse delas nesta área. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar e entender a posição de acadêmicas e formadas em Agronomia e Zootecnia, em relação a participação das mulheres na sucessão familiar. Buscando identificar diferenças entre a situação das acadêmicas em relação às egressas já formadas.

2. Materiais e métodos

Para dar início ao trabalho foi realizado um levantamento literário sobre a importância das atividades rurais para a economia brasileira, sobre êxodo rural e sucessão familiar. Posteriormente elaborou-se o projeto “Êxodo rural e sucessão familiar: uma pesquisa com acadêmicos e egressos(as) formados(as) em Zootecnia ou Agronomia na UTFPR-DV”, que foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UTFPR-DV.

Após a aprovação do projeto no CEP-DV, CAAE 77352524.8.0000.0177 sob o parecer 6.702.271, deu-se início a pesquisa, através do envio de um questionário eletrônico Google Forms, aos e-mails dos formados(as) nos cursos de Agronomia e Zootecnia na UTFPR-DV até o segundo semestre de 2023 e também dos(as) acadêmicos(as) regularmente matriculados nestes cursos no primeiro semestre de 2024. Foram enviados e-mails há 1539 pessoas entre acadêmicos(as) e egressos(as), entre março e abril de 2024, convidando para participar voluntariamente da pesquisa. Destes obteve-se 170 participantes, dos quais 123 são filhos(as) de produtores, e respectivamente 47 são do sexo feminino.

Após a coleta de dados, procedeu-se a tabulação e análise através de estatística descritiva. Os resultados apresentados a seguir neste trabalho, são um recorte da pesquisa realizada e se referem às respostas das 47 mulheres participantes, que são filhas de produtores, 14 já formadas e 33 acadêmicas.

3. Análise e discussão dos dados

As participantes foram questionadas se já vivenciaram comentários que a área das ciências agrárias não é para mulheres. Entre as acadêmicas 66,7% disseram que sim e 33,3% disseram que não vivenciaram, já entre as egressas 92,9% afirmaram que sim vivenciaram, enquanto apenas 7,1% afirmaram que não. Tal diferença supostamente pode ser explicada pela diferente época de formação, ou seja, pode ter havido uma evolução cultural, uma vez que as mulheres vêm buscando(lutando por) ganhar mais espaço nos diferentes mercados de trabalho.

Neste processo de mudança de postura das atribuições dadas às mulheres, Faria (2009) conclui que a conquista da autonomia é fundamental para o estabelecimento da soberania popular das mulheres no meio rural. O que vêm ao encontro de Amorim, Fiúza e Pinto (2013) ao afirmarem que para a inserção da mulher como trabalhadora no meio rural, é preciso reconhecer as mulheres como “agricultoras” e não apenas que o trabalho realizado por elas seja uma ajuda, isto é um passo importante para diminuir a instabilidade e a falta de valorização a qual muitas são submetidas.

Ao considerar o fato de que as mulheres formadas já estão inseridas no mercado de trabalho, e teoricamente se encontram em um cenário competitivo, com crenças e hierarquias pré estabelecidas, entende-se o aumento de comentários estereotipados e machistas, fato que pode estar intimamente relacionado com o baixo número de mulheres atuando na Agronomia, pois de acordo com os dados apresentados por Pereira (2021) no ano de 2019 dos profissionais agrônomos registrados no CREA, 81% eram homens.

Em profissões ligadas ao setor do agropecuário a participação das mulheres sempre foi subestimada, devido a cultura patriarcal e machista que ainda prevalece nesse setor, por esse motivo ao se questionar as participantes mulheres sobre a sua colaboração na propriedade os resultados surpreenderam positivamente, como pode ser observado na Tabela 1, uma vez que a maior parte delas responderam que a família permite participar das decisões na propriedade. De acordo com Herrera (2006) a mulher toma a frente, e é participativa em todas as atividades que lhe são atribuídas, em todos os aspectos socioeconômicos, o reconhecimento dessa capacidade pela sociedade, desoculta o trabalho da mulher, porém sua valorização pela sociedade ainda é limitada.

Tabela 1- Tomada de decisão nos projetos e atividades da propriedade rural de sua família

Questionamento	Egressas	Acadêmicas
Eu sou o responsável, ou seja, eu tomo as decisões.	1(7,1%)	0(0%)
Minha família me permite participar das decisões da propriedade.	6(42,9%)	19(57,6%)
Minha opinião sobre as decisões é parcialmente ouvida	6(42,9%)	8(24,2%)
Minha opinião nunca é considerada	1(7,1%)	4(12,11%)
Não tenho interesse em participar da tomada de decisões	0(0%)	2(6,1%)

Fonte: Autoria própria

Apenas às participantes acadêmicas foi questionado o interesse em continuar na propriedade da família atuando de alguma forma, 89,9 % afirmaram que sim, enquanto 12,1 % dizem não saber. Lisboa e Lusa (2010) apresentam em sua pesquisa as diversas funções que a mulher pode executar na zona rural, enfatizando a gestão, o manejo de plantas alternativas, trabalhos que necessitam de cuidado especial e determinada sutileza, assim como, destaca o desbravamento de novas oportunidades às mulheres, como, citando o caso de uma agricultora que foi parlamentar política em três mandatos sucessivos.

Aliado a essa ideia, questionou-se se as participantes têm ou tiveram o apoio dos pais para seguir nos negócios da família. Como pode se observar na Tabela 2, a maioria das acadêmicas obteve incentivo e apoio dos pais, porém nas respostas das egressas apenas 50%.

Tabela 2 - Incentivo dos pais com as filhas mulheres para seguir no negócio da família

Questionamento	Egressas	Acadêmicas
Sim, gostariam que a propriedade fosse conduzida por mim	2(14,3%)	12(36,4%)
Sim, gostariam que eu atuasse na propriedade.	5(35,7%)	14(42,4%)
Não, gostariam de se desfazer da propriedade(vendê-la ou arrendá-la).	0%	2(6,1%)
Não, gostaria que a propriedade fosse conduzida por meu (minha) irmão(ã).	2(14,3%)	0%
Não, gostariam que a propriedade fosse conduzida por outra pessoa (fora da família).	0%	0%
Não, meus pais sempre me incentivaram a estudar para trabalhar em outra área.	1(7,1%)	0%
Não, meus pais acreditam que as mulheres não são aptas para realizar atividades rurais.	0%	1(3%)
Não, meus pais nunca me falaram sobre quem deveria conduzir a propriedade no futuro.	4(28,6%)	4(12,1%)

Fonte: Autoria Própria

Ao serem sondadas sobre os motivos das jovens não permanecerem no campo, as respostas de ambos os públicos pesquisados apresentam similaridade. As acadêmicas descrevem prioritariamente a falta de apoio familiar para a sucessão (24,24%), falta de incentivo do governo (21,21%), desinteresse pela área (15,15%), trabalho pesado, propriedade pequena/com baixa renda e oportunidades externas no mercado de trabalho aparecem com 12,12% cada. Nas respostas aparece: “Muito trabalho e pouco retorno, a maioria dos jovens não querem trabalhar e sim ter um emprego” ou “por querer sair de casa mesmo, ir para outros setores”. Já as egressas formadas descreveram: propriedade pequena e baixa renda; desinteresse pela área; falta de oportunidades, atividade árdua estão com 21,42%, enquanto a alta responsabilidade exigida segue com 14,28%. Dentre os relatos destaca-se: “por presenciar dificuldades enfrentadas diariamente por produtores rurais, sem segurança que a produção será satisfatória e o pagamento suficiente”, e ainda, “baixa valorização das áreas, dificuldade em rentabilizar a produção e baixa remuneração”.

Aliado a tudo que foi descrito acima, as acadêmicas descreveram como uma das principais dificuldades para uma jovem mulher assumir a sucessão familiar de atividades ou e/ou da propriedade rural, a falta de preparo para a sucessão (45,45%), seguida pelo pouco apoio familiar (36,36%). Enquanto as egressas, apontaram como dificuldade principal (64,3%) os conflitos geracionais, com confrontos ao invés de apoio na implementação de novas ideias, seguida pela instabilidade da renda em pequenas propriedades, em função da grande responsabilidade que é assumir o comando de uma sucessão familiar.

As respostas obtidas neste trabalho podem estar correlacionadas com o afirmado por Matte, Machado (2016, p.147) “o afastamento dos filhos das atividades das propriedades, bem como da tomada de decisão e da administração do negócio resulta no despreparo destes para administrar futuramente a atividade produtiva”. E ainda, com Rosso (2012) quando descreve que a dificuldade da sucessão está diretamente relacionada com os ideais dos sucedidos, em cenários menos patriarcais as mulheres apresentam maior liberdade para opinar e ter a voz ativa na tomada de decisão e inclusão de tecnologias.

4. Considerações finais

Com as respostas obtidas conclui-se que as egressas formadas em Agronomia e Zootecnia na UTFPR-DV enfrentaram maiores barreiras na carreira que escolheram, tendo um menor apoio familiar e não tendo tanta participação na tomada de decisões em relação às atuais acadêmicas. E ainda, as acadêmicas possuem uma participação mais consistente nas decisões das propriedades rurais familiares.

Conclui-se que os principais motivos que desafiam as jovens mulheres no campo são vistos de forma semelhante entre os dois perfis de participantes da pesquisa realizada, em alguns pontos pode-se inverter a ordem de relevância, mas de forma geral as dificuldades prevalecem no apoio familiar para a sucessão, baixa remuneração especialmente nas pequenas propriedades e a falta de interesse pessoal pela área.

Percebe-se um significativo entusiasmo das acadêmicas em relação à futura atuação na propriedade familiar, mesmo com as adversidades enfrentadas, o que pode ser reflexo de que cada vez mais as mulheres vem ganhando espaço, e conquistando uma maior valorização da no meio rural.

5. Referências

AMORIM, É. O.; FIÚZA, A. L. C.; PINTO, N. M. A. Mulher e trabalho no meio rural: como alcançar o empoderamento. **Caderno Espaço Feminino**, v. 28, n. 1, p.95-213, 2015.

Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/anguem/article/view/27046/17231>>. Acesso em: 15 ago.2024.

DINIZ, F. H.; BERNARDO, F. W.; MOREIRA, M. S. P.; TEIXEIRA, S. R. **Sucessão na agricultura familiar: desafios e perspectivas para propriedades leiteiras**. In: XII Congresso Internacional do Leite, 2013, Porto Velho. 2013. v. 1.

FARIA, N. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: DI SABBATO, A.; FARIA, N.; LOMBARDI, M. R.; MELO, H. P. **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009. Cap. 1, p.11-28. Disponível em: <<https://archive.org/details/estatisticas-rurais-e-a-economia-feminista-um-olhar-sobre-o-trabalho-das-mulheres/page/n1/mode/2up?view=theate>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FERRARI, D. L.; ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; MELLO, M. A.; TESTA, V. M. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir?. **Estudos Sociedade e Agricultura**, vol. 12, n. 2, p.237-271. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Downloads/acabral,+Gerente+da+revista,+Dilemas_e_estrat%C3%A9gias_dos_jovens_rurais-_ficar_ou_partir-.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GUBERT, F. P. P.; HANZEN, M.; RECALCATTI, J. F.; COLTRE, S. M. Empoderamento feminino na agricultura familiar. 2020. **Revista Fitos**, v.14, p.23-30, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Downloads/flavia_piccinin_paz_et_all.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

HERRERA, K. M. Da Invisibilidade ao Reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política & Sociedade**, v. 15, p.208–233, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p208/33802>>. Acesso em: 27 set. 2024.

LAMAS, F. M. A evolução da agricultura do Brasil. **Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação**. Portal Embrapa. 2023. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/81665485/artigo---a-evolucao-da-agricultura-do-brasil>>. Acesso em: 24 set. 2024.

LISBOA, T. K.; LUSA, M. G. Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero-Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, p.871-887, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/kX65LSrJQkx7CnYDQpCK39y/?lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2024.

MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, v. 18, n. 37, p.130-151, 2016. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/3981/pdf>>. Acesso em: 30 set. 2024.

MATTEI, L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 45, n.5, p.83-92, 2014. Disponível em: <<https://www.bnb.gov.br/revista/ren/article/view/500/396>>. Acesso em: 30 set. 2024.

PEREIRA, D. Liderança feminina em crescimento no Crea-PR. **CREA-PR**. 2021. Disponível em: <<https://www.crea-pr.org.br/ws/arquivos/35613>>. Acesso em: 17 maio 2022.

ROSSO, C. L. **Principais desafios enfrentados pelas sucessoras no processo de sucessão familiar em empresas do Agronegócio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração de Empresas) – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília. Brasília, 18 de maio de 2012. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1028/2/20863353.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2024.

WESZ, J. V. J.; ROTH, J. D.; MATTOS, V. M. M.; FERREIRA, A. M. R. M.; TRENTIN, I. C. L. Os novos arranjos do êxodo rural: a evasão temporária de jovens agricultores familiares gaúchos. *In*: 44º CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL: QUESTÕES AGRÁRIAS, EDUCAÇÃO NO CAMPO E DESENVOLVIMENTO. Nº 144813, 2006, Fortaleza. **Anais [...]** Disponível em: <<file:///C:/Users/carol/Downloads/175.pdf>>. Acesso em 30 set. 2024.